

Investidores já confiam no ajuste

Malan e Armínio constatam, em Paris, expectativa mais favorável em relação ao Brasil

Hélio Hara e José Meirelles Passos

Correspondentes • PARIS

A maratona a que o governo brasileiro vem se dedicando nos mercados internacionais, nos últimos dias, está começando a convencer os grandes investidores privados de que o ajuste fiscal será cumprido e de que o Brasil voltará a ser em breve um porto seguro para o seu capital. As primeiras evidências de que a confiança está sendo recuperada surgiram ontem na capital francesa, em vários seminários da reunião anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e em alguns encontros paralelos.

Durante um encontro com o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga; o subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, Larry Summers, disse que estava surpreso com a reviravolta que vinha notando nos últimos dias.

— Summers nos disse que se lhe tivessem dito, há quatro semanas, que o Brasil iria mudar tanto nesse período, ele não acreditaria — contou Fraga.

Subsecretário do Tesouro americano diz que road show deu boa impressão

Pouco depois, ao deixar um debate sobre as perspectivas para a América Latina, da qual também participou o diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Michel Camdessus, Summers contou que havia recebido informações de Washington de que uma consulta do Tesouro ao setor privado, em Nova York, havia detectado “uma onda positiva” em relação ao Brasil.

— As expectativas praticamente se reverteram. Ainda há uma certa cautela na praça, mas sem dúvida o mercado financeiro voltou a olhar o Brasil com outros olhos. Tudo indica que o road show do governo brasileiro deixou uma boa impressão — disse Summers.

O presidente do BankBoston, Henrique Campos Meirelles, confirmou essa mudança de clima, em uma videoconferência transmitida de Boston:

— O pior já passou — afirmou o banqueiro.

Segundo Fraga, investidores já mostram interesse em voltar ao país

Armínio Fraga, que passara todo o dia divulgando o plano econômico brasileiro a investidores privados (em reuniões promovidas pelo JP Morgan, pelo Chase Manhattan e pelo Leeman Brothers), disse que ainda vinha notando uma certa cautela na praça, mas que havia uma percepção mais favorável.

— Eles estão olhando na direção certa, mas não começaram a andar ainda. Isso é um bom sinal, porque antes estavam correndo na direção errada — disse ele, referindo-se ao fato de que os investidores que se apressaram em retirar dinheiro do país agora já começam a demonstrar interesse em voltar.

O presidente do Banco Central revelou que, nas reuniões fechadas com clientes dos grandes bancos de investimentos, tem respondido a perguntas sobre detalhes específicos da nova política econômica. Ele deixou transparecer que o diálogo tem sido proveitoso:

— Eu me coloco no lugar deles. O que gostariam de ver? Eles esperam a queda



MALAN E IGLESIAS, na reunião anual do BID, em Paris: a percepção de que o país volta a ser um porto seguro para os investimentos

da inflação, a virada da balança comercial e a reforma fiscal. Quando a inflação apontar para baixo, a tendência é de que os juros acompanhem. O lado positivo está no fato de que, quando a situação mudar, eles aumentarão as suas posições no Brasil. Há bastante espaço para isso — disse Armínio.

O Brasil também foi tema preponderante de um encontro de investidores

realizado ontem de manhã pela financeira Darby Overseas Investments Ltd. O encontro era para interessados em aplicar na América Latina. E, segundo Richard H. Frank, um dos sócios e gerentes dessa firma, a procura de aplicadores de pequeno e médio porte foi suficiente para a criação de um fundo de US\$ 500 milhões a serem investidos em projetos de infra-estrutura.

Ele disse que a recente desvalorização do real não assustou os investidores com os quais havia feito contato, numa sondagem do mercado em busca de quem se dispusesse a participar desse pool formado por aplicações unitárias entre US\$ 20 milhões e US\$ 25 milhões.

— Há um consenso de que a desvalorização foi exagerada e de que o real em breve vai se estabilizar. Apresenta-

mos nossos estudos de mercados e não foi muito difícil convencer os investidores, pois o retorno de aplicações no Brasil ainda é mais alto do que na Ásia — disse o executivo da Darby.

Para Camdessus, países emergentes têm que ser mais ágeis

Michel Camdessus, o diretor-gerente do FMI, disse que a crise financeira no Brasil foi provocada basicamente por problemas que tinham mais relação com a viabilidade da política fiscal do que com a perda de rentabilidade dos investimentos. Ele acredita que o novo acordo do governo com o Fundo, que deverá ser sacramentado pela diretoria executiva do organismo no dia 30, tem tudo para dar certo pois corrigirá basicamente as falhas no setor fiscal.

Ele afirmou que o Brasil já avançou muitíssimo em outros aspectos, mencionando entre eles o da reestruturação dos ativos bancários, a aplicação de normas mais estritas sobre capital mínimo, a privatização de bancos com a participação estrangeira, a adoção de melhores procedimentos de avaliação de risco e sistemas de divulgação de informação e normas de contabilidade.

Camdessus disse, durante um debate sobre a saúde econômico-financeira da América Latina, do qual participou o presidente do Chile, Eduardo Frei, que o Brasil e os países emergentes devem ter em mente, daqui por diante, que será preciso maior atenção aos movimentos dos mercados financeiros e maior agilidade e capacidade de adaptação:

— O que, a meu ver, restará dessa prova de fogo é uma região mais forte, mais bem adaptada ao novo mundo. Uma região que terá entendido que num mundo globalizado a reforma é um processo sem fim e não um episódio necessário e doloroso entre dois períodos de facilidades — disse Camdessus.

Brasil fica em terceiro na preferência dos banqueiros na América Latina

O Chile é o melhor país da América Latina para investimentos, na opinião de 32% dos banqueiros internacionais. O México é preferido por 30% deles. O Brasil aparece em terceiro lugar, com 13 por cento, numa pesquisa divulgada ontem pelo BankBoston.

Essa era a opinião da comunidade bancária entre os últimos dias 8 e 22 de fevereiro, quando o levantamento foi feito. Mas, segundo Daniel Pierce, diretor gerente e chefe de pesquisas sobre mercados emergentes daquele banco, a situação seria outra se a consulta tivesse sido feita na semana passada.

— A posição do Brasil estaria mais alta se tivéssemos feito a mesma pergunta nos últimos dias — disse ele.

O presidente do BankBoston, Henrique Campos Meirelles, endossou a análise informando que notou a satisfação da maioria de seus colegas dos Estados Unidos e da Europa, depois que a equipe econômica brasileira expôs o novo plano econômico do país.

— Bancos que representam a maioria das linhas de crédito comercial ao Brasil já começaram a tomar providências para manter esses financiamentos. Estou me referindo a 80% dessa comunidade. Há uma sensação de que as coisas agora estão sob controle — disse. ■